



EXPERIÊNCIA SENSÍVEL DE PESQUISA: ENVOLVIMENTO E AFETOS NA CONSTRUÇÃO DE ALTERNATIVAS DE DESENVOLVIMENTO

SENSITIVE RESEARCH EXPERIENCE: ENGAGEMENT AND AFFECTS IN THE CONSTRUCTION OF DEVELOPMENTAL ALTERNATIVES

Recebimento: 20/10/2021

Aceite: 15/02/2023

Samanta Borges Pereira¹
Flávia Lucina Naves Mafra²

Resumo

Esta pesquisa se situa no âmbito das investigações que pretendem pesquisar a própria pesquisa e o processo de produção de conhecimento, propondo pensá-los a partir da concepção de experiência sensível de pesquisa. Nosso objetivo foi compreender a construção do conhecimento que emerge das interações vividas entre pesquisadores e sujeitos subalternizados a partir de experiências sensíveis de pesquisa. Entrevistamos 05 pesquisadores do campo das ciências sociais aplicadas, abordando questões sobre entrada e interação com os sujeitos no campo, o estabelecimento de vínculos, as implicações de suas pesquisas para esses sujeitos e as implicações e transformações da experiência de pesquisa para os próprios pesquisadores. As análises de história oral temática foram organizadas em três eixos: a) envolver e deixar-se envolver: interrelação e interdependência; b) tornar experiências visíveis e credíveis; c) dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. Concluímos que a experiência sensível de pesquisa demanda uma ética que surge na interação e nos afetos estabelecidos nas relações com os sujeitos no campo e permite (re)conhecer o conhecimento que emana dessa interação, ampliando nossa capacidade de pensar em outras perspectivas de desenvolvimento, construindo projetos congruentes com os contextos onde a vida acontece.

Palavras-chave: Experiência sensível. Pesquisa. Ética. Desenvolvimento. Decolonial.

¹ Doutora em Administração (UFLA). E-mail: samantaborges81@gmail.com

² Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (UFRRJ). Professora na Universidade Federal de Lavras. Lavras – MG, Brasil. E-mail: flanaves@ufla.br

Abstract

This research is located within the scope of investigations that intend to research the research itself and the knowledge production process, proposing to think about them from the conception of sensitive research experience. Our objective was to understand the construction of knowledge that emerges from the interactions between researchers and subordinate subjects from sensitive research experiences. We interviewed 05 researchers from the field of applied social sciences, addressing questions about entry and interaction with subjects in the field, establishing links, the implications of their research for these subjects and the implications and transformations of the research experience for the researchers themselves. Thematic oral history analyzes were organized into three axes: a) involve and get involved: interrelation and interdependence; b) make experiences visible and credible; c) make sense of who we are and what happens to us. We conclude that the sensitive research experience demands an ethics that arises in the interaction and affections established in the relationships with the subjects in the field and allows (re)cognizing the knowledge that emanates from this interaction, expanding our ability to think about other development perspectives, building projects congruent with the contexts where life takes place.

Keywords: Sensitive experience. Research. Ethic. Development. Decolonial.

Introdução

Esta pesquisa se situa no âmbito das investigações que pretendem pesquisar a própria pesquisa e o processo de produção de conhecimento, propondo pensá-los a partir da concepção de experiência sensível de pesquisa. Partimos da crítica à ciência moderna feita pela opção decolonial (QUIJANO, 1992; ESCOBAR, 2003; DUSSEL, 2005; CASTRO-GOMEZ; GROSFUGUEL, 2007; MIGNOLO, 2014) e das denúncias sobre as experiências de conhecimento desperdiçadas (SOUSA-SANTOS, 2001; 2002) para pensar a construção do conhecimento a partir da noção de experiência/sentido, com a pretensão de dar sentido a quem somos e ao que nos acontece (BONDÍA, 2002), enquanto pesquisadores no processo de pesquisar e nas práticas, ações e intervenções sociais concretas estudadas ou ignoradas pelo campo científico.

A ciência se estabeleceu na modernidade, que pautou o modelo de sociedade que se expandiu ao redor do mundo, reduzindo a interpretação de fenômenos naturais e relações sociais a uma verdade única, neutra, objetiva e universal, apagando formas de sociabilidade, trabalho e vida, que não se encaixavam nesse padrão (SOUSA-SANTOS, 2001; LANDER, 2005; CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUEL, 2007; MIGNOLO, 2014).

O progresso científico empenhado desde a modernidade, deslocou o humanismo para a margem das relações sociais (MACHADO, 2018) e pautou um modelo de ciência e desenvolvimento no qual o mundo é matéria morta a ser dominada, sem relação entre os seres e as coisas (NODARI, 2015). Esse modelo tem provocado uma crise social, econômica, política e ética sem precedentes, que está colocando em risco o destino da humanidade (SOLÓN, 2019).

Para manter a sua hegemonia, a ciência moderna se reproduziu em torno de um discurso sobre rigor científico, que apaga o sujeito de enunciação, garantindo a sua [suposta] neutralidade. O rigor científico objetualizou os fenômenos, destruindo a personalidade da natureza, perdendo em riqueza de conhecimento (GODOI; BANDEIRA-DE-MELLO; SILVA, 2020). A objetualização dos fenômenos aparta os sujeitos da construção do conhecimento, reforçando projetos de desenvolvimento construídos em bases excludentes, enfraquecendo as estratégias de enfrentamento e defesa dos diferentes modos de vida de grupos historicamente subalternizados.

Diagnósticos e pesquisas têm papel importante nessa luta discursiva. Mas mesmo esses instrumentos, forjados segundo as regras da ciência hegemônica, podem ignorar a diversidade e a desigualdade que envolvem o desenvolvimento. Assim, as ações desencadeadas por tais instrumentos e suas respectivas análises poderão produzir falsos consensos e intervenções violentas que não atendem as especificidades culturais, sociais, políticas, ecológicas de determinado território.

Para superarmos esse modelo idealizado de desenvolvimento e traçarmos um outro caminho, é necessária uma transformação radical da concepção de desenvolvimento e progresso, reatando a comunhão entre humanidade e natureza, fortalecendo modos de vida suprimidos pela modernidade (ACOSTA, 2015) e construindo outras formas de entender e fazer pesquisa e ciência.

Propomos uma reflexão sobre a própria experiência do fazer pesquisa, buscando resgatar vivências não relatadas nos documentos e produtos da pesquisa e questionando: quais os caminhos e dilemas vividos por pesquisadores das ciências sociais aplicadas, nas interações com grupos subalternizados?

Entendemos o processo de pesquisa como uma experiência sensível, permeada de afetos e afetações que emergem de nossa subjetividade, que não deve ser ignorada, mas reconhecida como pressuposto de uma ciência significativa. O uso do termo “experiência” exige que algo seja

modificado: um novo conhecimento ou um ensinamento de vida. Uma experiência nunca nos deixa no mesmo lugar (BONDÍA, 2002; JAY, 2009).

Diante disso, o objetivo deste artigo é compreender a construção do conhecimento que emerge das interações vividas entre pesquisadores e sujeitos subalternizados a partir de experiências sensíveis de pesquisa.

Conduzimos uma pesquisa qualitativa, realizando 05 entrevistas semiestruturadas com pesquisadores do campo das Ciências Sociais Aplicadas, que foram interpretadas por meio análise de história oral temática. Os resultados desse trabalho contribuem com o campo científico, ao jogar luzes sobre aspectos essenciais das pesquisas que são apagados em função de protocolos que desconsideram a subjetividade inerente às pesquisas, reforçando a necessidade de enfrentar o “desperdício da experiência” (SOUSA-SANTOS, 2002). O trabalho também contribui para discutir a necessidade de mudanças nos processos de formação de pesquisadores para enfrentar dilemas concretos que surgem no trabalho de campo.

Organizamos este texto em quatro partes, além desta introdução: (i) Ciência, subjetividade e ética: conhecimento contextualizado e compartilhado; (ii) O resgate da experiência e do sentido de fazer ciência: a experiência em primeiro plano; (iii) Percurso metodológico; (iii) Experiências sensíveis de pesquisa. Encerramos sintetizando a discussão nas Considerações finais e apresentamos as Referências.

Ciência, subjetividade, ética: conhecimento contextualizado e compartilhado

O termo ciência se refere à ciência moderna, estabelecida para servir a um modelo de sociedade e que justificou a destruição de múltiplas experiências e conhecimentos ao redor do mundo para impor uma única forma – legítima e certa – de saber, de ser, de viver, apagando formas de sociabilidade, trabalho e vida que não se encaixavam nesse modelo (SOUSA-SANTOS, 2001; WALLESTEIN, 2002; LANDER, 2005; CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUEL, 2007).

O progresso científico empenhado desde a modernidade, deslocou o humanismo cada vez mais para a margem das relações sociais, ampliando a voz da ciência, apartada dos interesses do Estado, levando a um imperativo moral de desenvolvimento (MACHADO, 2018). O desenvolvimento, projeto motor da modernidade, pode ser representado pelo rompimento da co-

relação entre os seres e as coisas e dentro dessa concepção de desenvolvimento, o mundo é matéria morta, separada do sujeito, onde não há laços, apenas sujeição (NODARI, 2015).

O pressuposto fundante da ciência moderna é a relação sujeito-objeto na produção do conhecimento, na qual o “sujeito” – o pesquisador – se refere a uma categoria de indivíduo isolado, que se constitui em si mesmo, em sua fala e na sua capacidade reflexiva (QUIJANO, 1992). A relação objetificada entre sujeito que pesquisa e sujeitos pesquisados, que suprime subjetividades, é o que garante à ciência moderna seu status de universal, neutra e objetiva.

Essa forma de produzir conhecimento se legitimou no século XVII com a publicação de “O Discurso sobre o Método”, de Descartes, que sistematizou e consolidou a separação entre mente-corpo, razão-mundo (APFFEL-MARGLIN, 1996; SOUSA-SANTOS, 2001; LANDER, 2005) e definiu os parâmetros científicos e metodológicos que até hoje orientam a produção de conhecimento.

Neutralidade, objetividade e universalidade pautam a ciência moderna e reforçam dicotomias tais como cultura/natureza, sujeito/objeto, subjetivo/objetivo, entre outras que simplificam o mundo e escondem conflitos. É por meio dessa lente que se garantiu a superioridade do conhecimento científico (hegemônico) e a inferioridade dos sentidos (LANDER, 2005; SAYAGO; BURSZTYN, 2006; GERMANO; KULESZA, 2010; CUSICANQUI *et al.*, 2016).

A separação entre sujeito e objeto de conhecimento, ou seja, a soberania do sujeito que conhece em relação ao fenômeno estudado, foi o que estabeleceu a ideia de objetividade, um dos fundamentos da ciência moderna (CHAUÍ, 1997). Mas a objetividade não é uma realidade absoluta, porque os objetos não existem por si mesmos. Ao dizermos que algo é objetivo, dizemos sobre alguma coisa que se pode falar com sentido, situando-o em um universo comum de percepção. A objetividade, portanto, é sempre relativa ao contexto cultural (FOUREZ, 1995).

Para manter a sua universalidade e hegemonia, a ciência moderna se reproduziu em torno de um discurso sobre rigor científico, que serve para apagar o sujeito de enunciação, controlar e instrumentalizar o trabalho de pesquisa e suprimir a experiência do pesquisador, garantindo assim a sua [suposta] neutralidade. Para Godoi, Bandeira-de-Mello e Silva (2010), o rigor científico objetualizou, desqualificou, degradou e caricaturizou os fenômenos, destruindo a personalidade da natureza, perdendo em riqueza de conhecimento.

A aplicação rigorosa de técnicas de pesquisa com vistas a garantir o controle sobre o conhecimento e que, frequentemente, orienta os protocolos de ética nas ciências sociais transforma

a experiência de pesquisa em um experimento, objetificando os sujeitos e desumanizando as relações.

Apenas uma postura formal, burocrática, fundamentada em regulamentações, não garante uma conduta efetivamente ética (SAYAGO; BURSZTYN, 2006). Os protocolos que visam garantir essa postura e proteção dos sujeitos da pesquisa enfatizam a assimetria entre o pesquisador e a comunidade pesquisada (PEREIRA; GUARESCHI; MACHADO, 2019). A congruência com princípios de respeito ao outro – outros sujeitos e outros conhecimentos –, devolução de resultados, partilha de benefícios como compromisso social e político do trabalho de pesquisa configura uma outra ética e dispensa códigos formais (SAYAGO; BURSZTYN, 2006; ROMERO, 2008; PEREIRA; GUARESCHI; MACHADO, 2019).

O cenário atual demanda avançarmos para uma ética da responsabilidade, dialógica, compreendida não como uma prescrição, mas como algo que é negociado e construído por todos os envolvidos no fazer científico (SILVA *et al.*, 2009; PEREIRA; GUARESCHI; MACHADO, 2019). Propomos recuperar a experiência e o sentido da produção de conhecimento, para evitarmos reproduções e acomodações e produzir conhecimento relevante, contextualizado e construído coletivamente, em lugar de definir um receituário rígido de ferramentas e técnicas para aplicação.

O resgate da experiência e do sentido de fazer ciência: a experiência em primeiro plano

A superação de dicotomias e a compreensão dinâmica do universo social implica em trazer para o primeiro plano a experiência, que se difere da experiência controlada que deu origem à própria ciência moderna. Embora a ciência hegemônica desconfie sistematicamente das evidências da nossa experiência imediata – considerando-a como ilusória (SOUSA-SANTOS, 2001) –, todo conhecimento está incorporado nos sujeitos, que são atravessados por contradições sociais, enraizados em pontos específicos de observação, o que nos leva a questionar a pretensão de neutralidade e objetividade científica (CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUEL, 2007).

A ciência precisa reconhecer que a realidade e, conseqüentemente, a produção do conhecimento, envolvem inter-relação e interdependência, processos mediados por subjetividade.

A vida é inter-relação e interdependência, em todos os níveis. Tudo existe porque tudo o mais existe, como nos diz o princípio do Ubuntu sul-africano. Não há objetos, não há assuntos ou processos intrinsecamente existentes, como a modernidade nos ensinou, pelo menos desde Descartes. O real não é feito de objetos isolados

que interagem; o observador não preexiste o que observa (Maturana e Varela³); não há mundo externo ao qual possamos nos agarrar; todo o vivo é sempre uma parte integrante do pluriverso em constante mudança (CUSICANQUI *et al.*, 2016, p. 12).

Ao assumirmos a mudança constante do mundo, ampliamos o mundo e o conhecimento sobre o mundo. Do conhecimento universal passamos para o conhecimento pluriversal. Para Sousa-Santos (2002), a experiência social é muito mais ampla do que a tradição científico-filosófica ocidental reconhece e a ampliação do mundo acontece porque o campo das experiências credíveis aumenta.

As ações voltadas para desenvolvimento sobre comunidades específicas tendem a ser homogêneas e distantes dos contextos e demandas. A importação de receituários de desenvolvimento advindos de contextos e realidades muito distantes (BUTZKE; THEIS; MANTOVANELLI-JÚNIOR, 2018) e o abandono das experiências locais com enraizamento e conexão com a vida diária (ESCOBAR, 2005) impede-nos de desenvolver alternativas de justiça social com justiça cognitiva (SOUSA-SANTOS, 2002).

As alternativas não surgem no vazio, mas emergem de experiências de lutas, iniciativas, vitórias e derrotas de diferentes movimentos da sociedade e aparecem em um processo, por vezes contraditório, de análises, prática e propostas que são validadas na realidade (SOLÓN, 2019). A visão de mundo dos grupos historicamente marginalizados oportuniza vislumbrarmos outros tipos de sociedades, sustentadas na convivência harmoniosa entre os seres humanos e deles com a natureza, a partir do reconhecimento dos diversos valores culturais existentes no planeta (ACOSTA, 2015).

Para Sousa-Santos (2002), o conceito de experiência é capaz de tornar visíveis e inteligíveis aspectos de nossos mundos que foram apagados com a consolidação da ciência. Para tornar visíveis e credíveis as visões de mundo suprimidas e as iniciativas e movimentos alternativos, não basta propor um outro tipo de ciência social, mas é preciso um outro tipo de racionalidade (SOUSA-SANTOS, 2002), uma racionalidade que seja vivida também como experiência. Revelar práticas, ações e intervenções sociais concretas estudadas, não estudadas, ou ignoradas pelo campo científico, demandam novas “viagens” na investigação e na gestão de processos sociais, a partir da sensibilidade como fonte de conhecimento, catalisadora do fazer científico (CABRA, 2007).

³ O texto de onde se extraiu a citação de Cusicanqui *et al.* (2016) é uma entrevista com os pesquisadores. No diálogo, é feita uma referência informal à Maturana e Varela, provavelmente à obra “A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano”, publicado em 1995.

Para pensar uma racionalidade vivida como experiência a partir da sensibilidade, desvendando seus significados, trazemos as ideias de Bondía (2002), de experiência/sentido, e Haroche (2008), sobre a condição sensível e a capacidade de sentir das sociedades contemporâneas. Suas contribuições nos ajudam a pensar a pesquisa como experiência sensível.

Para Bondía (2002) a experiência é a possibilidade de que algo nos aconteça, mas ela está cada vez mais rara, porque tudo passa muito depressa, o que reduz o estímulo instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo, excitante e efêmero (BONDÍA, 2002). Haroche (2008) aponta que o esvaziamento da capacidade de atenção, indissociável da reflexão, provocado pela imposição do instantâneo, do imediato da sociedade contemporânea, leva ao empobrecimento da interioridade.

Ao examinar as transformações das maneiras de sentir no ocidente, Haroche (2008) problematiza a condição sensível, em dupla acepção. Sensível diz respeito às formas de olhar, ouvir, tocar, que se relacionam aos sentidos e às formas de perceber, os outros e a si mesmo, e que tangem aos sentimentos. De uma perspectiva mais estrutural e abstrata, condição se refere às formas pelas quais os processos se atualizam no interior das pessoas e na vida em sociedade. Condição sensível se refere ao que os sentidos, a sensibilidade e os sentimentos geram de ético e de estético em nossas escolhas públicas e privadas (HAROCHE, 2008).

Na discussão sobre a pesquisa que estamos propondo, entendemos que condição sensível se refere às formas e escolhas estabelecidas no fazer ciência, dos princípios que regem essas escolhas, à medida que nos permitimos (ou não) sermos transpassados por essa experiência. Inspirados na proposta de Bondía (2002) para pensar a educação, propomos pensar a pesquisa e a produção de conhecimento a partir da articulação “experiência/sentido”, ou seja, compreender a produção do conhecimento como uma experiência sensível de pesquisa.

Por um lado, essa noção permite explicitar a subjetividade que é inerente a pesquisas que envolvem relações sociais. Por outro, nos leva a rever protocolos, regras e hierarquias naturalizados no campo acadêmico que têm limitado o alcance e a relevância da ciência. A noção de experiência sensível desloca o foco da técnica, que está nos impedindo de imaginar, de ver e de sentir (CORNILLE; IVERNEL, 1999; GODOI; BANDEIRA-DE-MELLO; SILVA, 2010), para as relações sociais que ocorrem em contextos e tempos particulares.

A experiência, assim como o próprio pensar, demandam um momento de interrupção: parar para pensar, para olhar, para escutar, para sentir, sentir mais devagar, suspender o automatismo da ação, falar sobre o que nos acontece, cultivar a arte do encontro, ter paciência, dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002; HAROCHE, 2008).

Para ser digno do uso do termo “experiência”, algo precisa ser modificado, seja um novo conhecimento ou uma lição de vida. Uma experiência não pode nos deixar onde começamos (BONDÍA, 2002; JAY, 2009). Bondía (2002) afirma que o saber da experiência não existe fora de nós e só tem sentido no modo como configura uma maneira de estar no mundo, que é tanto ética (modo de conduzir-se) quanto estética (um estilo).

É preciso reconhecer a incompletude do processo científico e dos sujeitos que fazem ciência, que não somente conformam seus objetos de pesquisa como são conformados por eles (MACHADO, 2018). A experiência sensível de pesquisa se refere, portanto, ao processo de pesquisa vivido pelo pesquisador que se deixa atravessar, que se permite sentir, a partir das relações construídas e estabelecidas num contexto estudado, que o transformam e que também são transformadas por ele.

Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa se situa no campo do pensamento decolonial, que propõe uma virada epistemológica na produção de conhecimento. Mignolo (2008) argumenta que toda mudança de descolonização política deve provocar uma desobediência política e epistêmica. No conjunto de autores da decolonialidade, percebe-se uma abertura de possibilidades de produção de conhecimentos a partir da valorização das experiências vividas (PAIM, 2019).

Para tensionar a posição da construção dominante na ciência, realizamos uma pesquisa qualitativa, com análises conduzidas por meio de história oral temática (POLLAK, 1987; ALBERTI, 2005). Essa investigação é parte de um projeto de pesquisa mais amplo sobre dezessete experiências sensíveis de pesquisas de doutorado no campo das Ciências Sociais Aplicadas. Para essa discussão, nos interessaram as experiências de 05 pesquisadores que estudaram grupos subalternizados em contextos de reassentamentos, conflitos ambientais, reorganização produtiva, conflitos culturais. Os entrevistados realizaram suas pesquisas em diferentes regiões do Brasil (Nordeste, Sudeste e Sul).

Esses pesquisadores foram selecionados pelo significado de suas experiências em torno da temática (ALBERTI, 2005) relacionada às estratégias de enfrentamento de grupos subalternizados em defesa dos seus modos de vida modos (ESCOBAR, 2003). Nessas experiências, os pesquisadores estabeleceram forte vínculo com os sujeitos do campo e buscaram construir seus caminhos de pesquisa assumindo as afetações inerentes à essas interações.

Numa primeira etapa de nossa pesquisa os informantes elaboraram um relato autoetnográfico (SANTOS, 2017) sobre a sua experiência de doutorado, como um exercício de relembrar as histórias daquele momento. Depois de lermos os relatos e nos familiarizarmos com as trajetórias dos pesquisadores, realizamos entrevistas de história oral temática, que foram agendadas previamente, em dias e horários estabelecidos pelos próprios sujeitos. As perguntas se referiram à entrada e interações no campo, o estabelecimento de vínculos, as implicações de suas pesquisas para esses sujeitos e as implicações e transformações da experiência de pesquisa para os próprios pesquisadores.

Fizemos uso do *Google Meet* para entrevistar e gravar as conversas, que aconteceram entre 26/06/2021 e 08/09/2021. Todos os entrevistados autorizaram a gravação mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Transcrevemos as entrevistas na literalidade, utilizando a ferramenta de “digitação por voz” disponível no *Google Docs*. As correções e adequações foram realizadas no *oTranscribe*, disponível gratuitamente na web. As entrevistas completas duraram um total de 6 horas e 37 minutos, totalizando 127 páginas. Os relatos autoetnográficos totalizaram 16 páginas.

Procedemos a uma leitura individual dos relatos, seguindo para a organização das informações, buscando regularidades e exceções no conjunto das falas dos entrevistados. No tratamento das entrevistas, foram ocultadas informações que pudessem identificar os informantes, tais como instituições, lugares e pessoas envolvidas em seus trabalhos, visando manter o anonimato dos respondentes. Também substituímos seus nomes verdadeiros por: Pesquisadora A, Pesquisador B, Pesquisador C, Pesquisadora D e Pesquisador E.

Dessa etapa construiu-se um bloco narrativo que, analisado na perspectiva teórica que suporta a discussão sobre experiência sensível de pesquisa, foi organizado em 3 eixos: a) envolver e deixar-se envolver: interrelação e interdependência; b) tornar experiências visíveis e credíveis; c) dar sentido ao que somos (pesquisadores) e ao que nos acontece. As análises e discussão

apresentadas a seguir foram organizadas em torno desses eixos, que nos permitiram compreender como as interações com os sujeitos do campo vividas na experiência sensível de pesquisa contribuíram na construção de conhecimento.

Experiências sensíveis de pesquisa

Nessa seção discutimos os três eixos das narrativas dos entrevistados mencionados anteriormente, privilegiando trechos das histórias contadas que ilustram a compreensão dos caminhos pelos quais viveram as experiências sensíveis de pesquisa. Os dilemas vividos nesses caminhos transpassaram os pesquisadores, que estabeleceram novas formas de estar no mundo e se transformaram depois dessa experiência.

a) **Envolver e deixar-se envolver:** interrelação e interdependência

Na contramão das determinações da ciência hegemônica, a experiência de campo surpreende os pesquisadores, que se percebem envolvidos no cotidiano das práticas que investigam, enredados nas histórias de vida dos sujeitos de pesquisa. Tal situação implica, simultaneamente, em desconforto e encontro com o contexto que se dispuseram a estudar. O desconforto resulta da socialização e da visão preponderante de pesquisa que busca construir um pesquisador neutro e distante.

A maneira com que o pesquisador constrói sua relação com os sujeitos e os caminhos para realizar sua investigação de campo reestabelece os laços rompidos pela modernidade, superando a noção de sujeição (NODARI, 2015).

Eu me apegava aquelas falas, porque eu me apegava às vidas, memórias por trás das falas. Eu me sentia em dívida com a pessoa. Eu tinha que escrever o máximo possível daquela história porque para aquela pessoa foi importante falar, então para mim era importante escrever (Pesquisador C).

Eu agarrei com unhas e dentes a luta dos moradores das comunidades tradicionais, porque as falas deles me afetavam na alma, era uma coisa muito forte. Eu ficava indignado com o que eles passavam e me sentia insignificante de não conseguir mudar um pouco aquela realidade. Isso me angustiava muito (Pesquisador E).

O fato de dividir histórias trouxe uma intensidade muito grande pra todos esses encontros. Eu acho que não teve um encontro que eu posso te falar que foi mais superficial. Não teve, porque eu dividia muito com eles também a minha história de vida e eu acho que isso trazia unidade para o encontro (Pesquisadora D).

Quando eles me viam fora do contexto local isso meio que me dava uma credibilidade. Eles frequentam muito eventos. A primeira vez que eles me viram nesse evento, eu fiquei o tempo todo no estande com eles, eu não fiquei com o pessoal do meu estado. Eu percebi que o fato de estar ali com eles fez com que eles entendessem um pouco mais que eu pertencia ao grupo (Pesquisador B).

As histórias que eles vão contando vão criando relações que só se estabelecem quando estamos muito próximos, mesmo tendo sido pouco tempo em cada casa. [...]. Ir para aqueles lugares, pegar aquelas estradas fazia parte de uma coisa que eu gostava de fazer, fazia eu sentir que eu tava viva, não sei explicar direito. Aquilo era importante pra mim e eu tinha vontade de voltar (Pesquisadora A).

Ouvir histórias não é um ato descompromissado. As narrativas mostram que não se trata apenas de perguntar e ouvir, mas de compartilhar histórias e trocar experiências, como se evidencia quando Pesquisadora D diz que dividir com eles a sua história trazia unidade para os encontros, ou quando Pesquisador C se sentia na obrigação de escrever o máximo possível sobre aquelas experiências de vida compartilhadas. A experiência é sempre um acontecimento que ocorre fora de nós, mas reverbera em nós (BONDÍA, 2002; 2006), tanto no pesquisador quanto no pesquisado.

Mas as trocas não são estratégia de pesquisa, são parte de relações que vão se construindo, alimentadas e gerando um compromisso mútuo, de escrever aquela história compartilhada, de contar de si para construir afinidade e ouvir o outro. Nesse processo, há mudança para além da indignação e da sedução: “me sentia insignificante” (Pesquisador E); “eu pertencia ao grupo” (Pesquisador B); “eu tava viva” (Pesquisadora A). A experiência sensível de pesquisa exige inter-relação e interdependência, porque pesquisador e pesquisado só existem na interação (CUSICANQUI *et al.*, 2016). As trocas de experiências que se estabelecem quando permitimos nos envolver provocam um sentimento de continuidade, de confiança, de profundidade, que são constituintes da nossa humanidade (HAROCHE, 2008).

Os sentidos são acionados e isso faz com que a pesquisa tenha maior densidade e profundidade. Isso não é fácil: há uma sobrecarga sobre o pesquisador que se responsabiliza por suas ações e por sua pesquisa. Mas há uma riqueza de informações, mais fiéis ao contexto, produzindo conhecimentos confiáveis, inclusive para pensar processos de intervenção.

Na experiência sensível de pesquisa, as histórias compartilhadas, seja em relatos ou na interação cotidiana, nos emocionam, nos indignam, nos afetam e não nos deixam no mesmo lugar. Na relação de mostrar um pouco de si e ouvir um pouco do outro, as histórias vão nos tocando, nos transformando.

Saberes da experiência também emergem de não saberes, pois só se aprende aquilo que não se sabe (BONDÍA, 2002; SOUSA-SANTOS, 2002; HAROCHE, 2008; MIGNOLO, 2014). As alternativas sistêmicas não surgem no vazio, mas da compreensão de práticas e propostas que são validadas na

realidade, que emergem do diálogo construtivo e criativo entre visões de mundo diversas (ACOSTA, 2015; SOLÓN, 2019).

Para sabermos o que ainda não sabemos precisamos de novas abordagens, que não excluam as abordagens já estabelecidas. Diferentemente do experimento de pesquisa, a experiência sensível de pesquisa exige envolver-se, porque é a partir do fortalecimento desses laços, que novos conhecimentos poderão emergir. Ao permitirmos nos envolver a partir das interações e inter-relações, a exterioridade vira interioridade, porque o acontecimento exterior, as histórias compartilhadas, agora acontecem em nós, penetra nossa consciência ética, nos transforma.

b) Tornar experiências visíveis e credíveis

A experiência sensível de pesquisa demanda, além do respeito ao outro, o compromisso social e político, com o compartilhamento dos achados da pesquisa e a partilha de benefícios (SAYAGO; BURSZTYN, 2006; PEREIRA; GUARESCHI; MACHADO, 2019), mas também na forma como o pesquisador se relaciona com os sujeitos, não apenas em termos de resultados imediatos. Nesse sentido, a experiência sensível de pesquisa contribui para reposicionar valores, ambições e expectativas dos pesquisadores.

Eu acho que o que a gente consegue fazer enquanto pesquisador é dar mais visibilidade ao conflito e àquela realidade social para que as demandas dessas comunidades sejam ouvidas em outros meios, prefeituras, comitês e para que outras pessoas conheçam essa realidade e tentem apoiar a luta deles de alguma forma (Pesquisador E).

A pesquisa científica ajuda a refletir sobre cenários e possibilidades, mas em momento nenhum eu pensei em oferecer respostas diretas ou ferramentas, que muitas vezes é propagado em determinadas áreas. Eu não posso suprir o papel do Estado, do poder público local e muito menos da articulação produtiva que é uma realidade deles (Pesquisador B).

O que eu senti nesse processo foi o desejo de entender aquela realidade. Eu acho que a pesquisa teve implicação enquanto eu estava lá, dela entender que o que ela fazia era importante. [...]. Ou quando eu os levei para um café da manhã, o resgate pessoal de cada um, que se vestiu com a sua melhor roupa, aquela emoção. Eu acho que foram as implicações que eu pude presenciar (Pesquisadora D).

Ajudou a minha compreensão e alguma coisa a mais escrita sobre eles, que talvez sirva de referência para outros trabalhos. [...]. Eu acho que teve uma implicação naquele momento. Eu conheci uma mulher da minha idade, uma vida dura e ela se apegou a mim, começou a se abrir. Ela achava lindo eu chegar de carro, ela pedia pra tirar foto dela fingindo que ela tava dirigindo. [...]. Eu também fiz uma devolutiva baseada nas fotos, então, eles se olharem, verem fotos daqueles que eram da mesma comunidade, que foram para outros lugares e ouvir um pouco de outros, naquele momento em que eles já não se encontravam mais. Acho que o impacto foi esse (Pesquisadora A).

É fundamental termos uma visão mais realista sobre a complexidade das transformações sociais, que exigem mudanças estruturais e institucionais e não dependem exclusivamente das

capacidades e atuação individual do pesquisador. Sobretudo quando se trata de grupos subalternizados, as resistências se constroem cotidianamente, mas as mudanças não ocorrem facilmente.

Mas à medida que se avolumam pesquisas com sujeitos e contextos que tiveram suas histórias apagadas, amplia-se a consciência política do coletivo da sociedade, provocando rupturas que podem levar à uma mudança mais estrutural. Compreender essas experiências suprimidas faz com que elas se tornem visíveis e credíveis, ampliando a experiência social do mundo (SOUSA-SANTOS, 2002).

As pesquisas oferecem contribuições teóricas para o avanço do conhecimento sobre a compreensão da sociedade. O campo acadêmico cria as expectativas de compreensão que são atendidas com o trabalho de campo. Os trechos narrativos destacados anteriormente mostram que a experiência sensível de pesquisa abre possibilidades para dar mais visibilidade aos problemas ou ao contexto daquelas realidades (Pesquisador E), refletindo cenários e possibilidades (Pesquisador B) e contribuindo para a continuação de outras pesquisas (Pesquisadora A).

Mas as implicações da experiência sensível de pesquisa não se encerram com a finalização das pesquisas. A experiência é sempre uma exterioridade que repercute em nós, dentro de nós, em nossas ideias, representações, vontades (BONDÍA, 2006) e reconfigura nossa forma de ser e estar no mundo a partir daquela experiência.

c) Dar sentido ao que somos (pesquisadores) e ao que nos acontece

A experiência sensível de pesquisa demanda que algo seja transformado em nós (BONDÍA, 2002; JAY, 2009), enquanto pesquisador, cidadão, ser humano. Ao vivermos nossa experiência de pesquisa, não somos mais o que éramos, não estamos mais onde estávamos. Se somos parte integrante desse pluriverso em constante mudança (CUSICANQUI *et al.*, 2016), então estamos também em constante mudança, afetando e sendo afetado nas interrelações entre as partes integrantes.

As relações familiares, de compadrio, de vizinhança, eram fortes. Eu achava sólido, eu achava importante como estratégia de vida mesmo. Eu voltava pra casa querendo levar um pouco desse aprendizado para as minhas relações (Pesquisadora A).

Eles falavam de uma relação simbólica muito forte com a natureza, de entidades que existem para protegê-la. [...]. Eu nunca tinha ouvido falar em alguém querer se despedir da natureza. Depois do que ele me narrou, minha vontade, além de chorar, era de abraçá-lo e tentar ajudá-lo a fazer essa despedida. Isso me mostrou uma realidade que eu não conhecia (Pesquisador E).

Eu aprendi o respeito às diferenças, respeito religioso, respeito aos imigrantes, entender a história das pessoas. Eu tinha preconceitos que eu nem sabia que eu tinha, que estavam enraizados na minha criação (Pesquisador C).

No final de um dia, ela colheu as frutas mais bonitas e me deu. Expliquei que eu não teria com quem dividir. Ela me disse que se eu não conseguisse comer, que eu dividisse com um vizinho. E continuou dizendo que não somos obrigadas a dar nada a ninguém, mas se decidimos dar, que seja sempre o melhor! Esse foi um dos grandes ensinamentos vividos ali (Pesquisadora D).

Os entrevistados viveram a experiência de serem perpassados e sensibilizados (BONDÍA, 2002) pelas pessoas com as quais estabeleceram diálogos, partindo da concepção de que a vida é inter-relação e interdependência, em todos os níveis (CUSICANQUI *et al.*, 2016, p. 12). O pesquisador também é conformado pelo seu objeto/sujeito de pesquisa (MACHADO, 2018), quando aprende uma nova forma de estar no mundo.

Estar em interação com formas diversas de ser e estar no mundo abre outras possibilidades de sermos e estarmos no mundo, re-situando nossa perspectiva ética e nosso lugar político (ROMERO, 2008), imaginando outros mundos possíveis (ACOSTA, 2015). O saber da experiência só tem sentido na forma como configuramos nossa maneira ética e estética de estar no mundo (BONDÍA, 2002).

A experiência sensível de pesquisa é uma postura e uma prática política incorporada que oportuniza aprendermos outras estratégias de vida, de valores, de formas de se relacionar com a natureza, com o mundo material e o mundo simbólico, diferentes da lógica dominante que está imbricada no nosso cotidiano. Ela enseja rever nossas posições e redirecionar olhares enviesados. Assim, os pesquisadores entrevistados repensaram suas vidas e o mundo em que vivem a partir da aproximação e compreensão das relações sociais, familiares e de vizinhança dos sujeitos no campo (como destacam Pesquisadora A e Pesquisadora D) e tiveram novas perspectivas sobre relações com a natureza (Pesquisador E), sobre o respeito às diferenças (Pesquisador C).

Uma pesquisa é sempre consequência de pesquisas e reflexões anteriores e que tem continuidade para além dos prazos dos projetos. Os resultados da pesquisa podem se refletir na atuação do pesquisador na docência, na formação de estudantes, na proposição e execução de novos projetos de pesquisa ou de extensão, em parceria com outros colegas, com estudantes, com agentes públicos, coletivos da sociedade civil, etc.

Hoje, a minha contribuição profissional e pessoal é dar preferência para orientar alunos em situação de vulnerabilidade social. A forma que eu tenho de ajudá-los é dando o que eu posso, o meu conhecimento, dividindo o que eu sei (Pesquisadora D).

Eu fiz uma parceria com um núcleo do Ministério Público e me propus a fazer uma cartilha sobre o conflito e a divulgá-la como uma devolutiva para as pessoas que eu entrevistei (Pesquisador E).

Hoje, todos os meus projetos estão direcionados para este tema. Eu ofereci curso de capacitação em um evento na universidade. Esse é um movimento que eu pretendo contribuir por muito tempo, seja com uma palestra, com uma fala, ou coordenando um projeto maior, porque ainda me dá muita satisfação trabalhar com esse tema. Eu não quero perder esse brilho da pesquisa (Pesquisador B).

As narrativas revelam que a experiência sensível de pesquisa não se encerra com um produto. O pesquisador aprende com os sujeitos do campo e vai compartilhar esse conhecimento em outros espaços. Isso é ainda mais relevante, ao considerarmos a importância da universidade e da formação de massa crítica de pesquisadores que irão atuar em diferentes vertentes.

Esses pesquisadores atuarão em salas de aula, desenvolvendo novas pesquisas, em parcerias com outros agentes de desenvolvimento. A experiência sensível de pesquisa contribui na construção de espaços reflexivos e formação de cidadãos críticos, situação que pode ser evidenciada na narrativa de Pesquisadora D sobre seu olhar e seu apoio específicos para estudantes em situação de vulnerabilidade. Pode ainda levar a um redirecionamento da atuação profissional como afirma Pesquisador B, que se propôs a continuar sua atuação no ensino, na pesquisa e na extensão, dentro do campo que aprendeu e desenvolveu em sua pesquisa de doutorado.

Além da construção de projetos – de pesquisa ou extensão – para atender às necessidades locais, o pesquisador também pode atuar assessorando projetos de diferentes agentes de desenvolvimento, assim como Pesquisador E, que fez parceria com o Ministério Público para desenvolver um material sobre o conflito e que pode ser utilizado em regiões que vivem conflitos semelhantes.

À medida que aproximamos o conhecimento produzido na universidade e dialogamos com os diferentes segmentos da sociedade, a visão da sociedade sobre a ciência (e da ciência sobre a sociedade) também se transforma. Quando defendemos a contribuição social da pesquisa é importante não convertermos essa posição em uma visão reduzida de resultados de pesquisa, que têm levado à aplicação de técnicas com a intenção de resultados imediatos, frequentemente para atender a interesses de grupos poderosos, muitas vezes desconsiderando as particularidades de cada contexto, além de desprezar a reflexividade, condição fundamental no processo de produção de conhecimento.

Esse equívoco na concepção de impacto das pesquisas tem provocado o distanciamento entre pesquisador e sujeitos do/no campo, impedindo viver essa relação. O resultado das interações no campo é um impacto possível, mas não pode ser produzido seguindo um padrão de experimento.

Considerações finais

Os pressupostos da ciência dominante limitam as possibilidades de compreensão da realidade dinâmica de nossas sociedades, bem como os processos de intervenção sobre elas, instrumentalizando a participação das pessoas (tanto pesquisadores como pesquisados) na produção do conhecimento. Nosso objetivo foi compreender a construção do conhecimento que emerge das interações vividas entre pesquisadores e sujeitos subalternizados. Desenvolvemos nosso argumento, propondo pensar a pesquisa como uma experiência sensível.

Uma pesquisa sempre provoca turbulências. Argumentamos que o caminho para tornar pesquisas mais significativas para pesquisadores e sociedade, passa por uma mudança na compreensão da pesquisa: de processo linear, formal, protocolar, rigoroso, para experiência sensível, repleta de afetos, envolvimento e transformações. As inquietações assumidas pelos pesquisadores entrevistados durante a execução de seus projetos compõem a experiência sensível de pesquisa e são parte fundamental da produção de conhecimento. Nossas alegrias, tristezas, dores, deleites, satisfação, frustração, que emergem das interações no campo, colocam a experiência do outro em nós e já não somos mais os mesmos.

Na contramão das determinações da ciência hegemônica, que estabelece o distanciamento entre pesquisador e sujeitos do campo para que a subjetividade não “contamine” os dados, a experiência sensível de pesquisa garantiu o rigor e a validade das informações produzidas pelos pesquisadores entrevistados, através da interação e do compartilhamento de histórias de vida, do cotidiano, dos diferentes espaços, das lutas, das dores, das conquistas, do conhecimento.

Esse compartilhar produziu afetos e firmou o compromisso entre os sujeitos. Os pesquisadores foram atravessados pela experiência sensível e se tornaram parte daquelas histórias. Eles se comprometeram em contar aquelas histórias dando maior visibilidade àquela realidade social, lançando novos olhares e ajudando a refletir sobre as possibilidades de intervenção, dentro dos limites que cada pesquisa consegue alcançar.

O contexto social é demasiadamente complexo para que se exija que uma pesquisa apresente respostas diretas para problemas da sociedade que demandam a articulação de diferentes agentes. Os resultados da pesquisa não são um receituário com soluções para os conflitos e desigualdades sociais. Mas à medida que novas formas de fazer pesquisa vão produzindo novos olhares sobre sujeitos e contextos historicamente marginalizados, tornando visíveis essas experiências de vida, o conjunto da sociedade se movimenta, fortalecendo a massa crítica e a consciência política.

Ao (re)conhecermos o que emana de nossas subjetividades, não somos mais neutros, sentimos juntos e ampliamos a capacidade de compreensão da realidade, produzindo outros conhecimentos, que podem nos permitir perceber outras racionalidades, outras objetividades, outras subjetividades e, desta forma, pensarmos em outras perspectivas de desenvolvimento, construindo soluções junto aos sujeitos e contextos nos quais a vida acontece.

Os resultados da pesquisa se ampliam quando reconhecemos que o pesquisador transformado por essa experiência continua a atuar em outros espaços. A experiência sensível de pesquisa abre possibilidades para o pesquisador contribuir com a formação cidadã de estudantes, construindo projetos de pesquisa e extensão articulados com as demandas mais urgentes da sociedade ou ainda, atuando junto a outros agentes de desenvolvimento, compartilhando conhecimento.

Essa atuação não se restringe às articulações possíveis no campo profissional. A experiência sensível de pesquisa modificou a forma dos pesquisadores serem/estarem no mundo, aprendendo novas formas de relações, baseadas na confiança, em simbolismos, em memórias, em harmonia com a natureza.

Ao questionarmos os pressupostos fundantes da ciência moderna, propomos outros caminhos de pesquisa em que o conhecimento se converta em um acontecimento ético, no qual os sujeitos participantes constroem relações de afeto, convivialidades e experiências sensíveis que permitam construir alternativas de desenvolvimento não excludentes e transformar a vida coletiva.

Referências

- ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: editora Elefante, 2015.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- APFFEL-MARGLIN, Frédérique. Introduction: Rationality and the World. In: APFFEL-MARGLIN, Frédérique; MARGLIN, Stephen A. **Decolonizing Knowledge**. From Development to Dialogue. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan.-abr. 2002.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Sobre la experiencia. **Aloma**, p. 87-112, 2006.
- BUTZKE, Luciana; THEIS, Ivo Marcos; MANTOVANELLI-JÚNIOR, Oklinger. Existe alguma região para desenvolver? Um questionamento desde o Pensamento Social Latino-americano. **G&DR**, v. 14, n. 2, p. 91-106, jan. 2018.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. Prólogo. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. (Eds.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 9-24.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- CORNILLE, Sabine; IVERNEL, Philippe. Preface. In: ANDERS, Gunther. **Nous fils d'Eichmann**. Paris: Payot/Rivages, 1999.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera; DOMINGUES, José Mauricio; ESCOBAR, Arturo; LEFF, Enrique. Debate sobre el colonialismo intelectual y los dilemas de la teoría social latinoamericana. **Cuestiones de Sociología**, n. 14, 2016.
- DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e Eurocentrismo. In: **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, 2005, p. 25-34.
- ESCOBAR, Arturo. Mundos y conocimientos de otro modo. El programa de investigación de modernidad/colonialidad latinoamericano. **Tabula Rasa**, n. 1, p. 51-86, ene.-dic. 2003.
- ESCOBAR, Arturo. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? In.: LANDER, Edgardo. (org). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 69-86.
- FOUREZ, Gerárd. **A construção das ciências**: introdução à filosofia e a ética das ciências. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.
- GERMANO, Marcelo Gomes; KULESZA, Wojciech Andrzej. Ciência e senso comum: entre rupturas e continuidades. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 27, n. 1, p. 115-135, abr. 2010.
- GODOI, Christiane Kleinübing; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson Barbosa da. Pesquisa qualitativa e o debate sobre a propriedade de pesquisar. In: GODOI, Christiane Kleinübing; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson Barbosa da (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais**: Paradigmas, Estratégias e Métodos. São Paulo: Saraiva, 2010, p. 1-16.

- HAROCHE, Claudine. **A condição sensível**: formas e maneiras de sentir no Ocidente. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.
- JAY, Martin. **Cantos de experiencia**: variaciones modernas sobre un tema universal. Buenos Aires: Paidós, 2009.
- LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, 2005, p. 7-24.
- MACHADO, Ricardo de Jesus. A Ciência no altar da devoração: antropofagia epistêmica e metodologia. In: Yvets Morales, Leila Sousa, Bruna Lapa. (Org.). **Experiências metodológicas em pesquisas da comunicação**. 1 edição. São Luís: EDUFMA, 2018, p. 17-42.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, p. 287-324, 2008.
- MIGNOLO, Walter. **Arte y estética en la encrucijada descolonial II**. Ciudad autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014.
- NODARI, Alexandre. Antropofagia. Único sistema capaz de resistir quando a acabar no mundo a tinta de escrever. In: Simpósio Haroldo de Campos, 1, 2015, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Casa das Rosas, 2015, p. [1-10].
- PAIM, Elison Antonio. Epistemologia Decolonial: uma ferramenta política para ensinar histórias outras. **HH Magazine**: humanidades em rede. Publicado em 19 de junho de 2019. Disponível em: <https://hhmagazine.com.br/epistemologia-decolonial-uma-ferramenta-politica-para-ensinar-historias-outras/>. Acesso em: 25 set. 2021.
- PEREIRA, Camila Claudiano Quina; GUARESCHI; Pedrinho Arcides; MACHADO, Frederico Viana. Ética e participação na prática de pesquisa: contribuições para o pensamento crítico em Psicologia Social. In: LIMA, Andréa Moreira; CARDOSO, Luiz Felipe Viana Lino, MARRA, Manoela Costa; LINO, Tayane Rogéria (Orgs). **Psicologia social crítica** [recurso eletrônico]: tecendo redes e articulando resistências em contextos de retrocesso. Porto Alegre: Abrapso, 2019, p. 83-97.
- POLLAK, Michel. Pour un inventaire. In: **Questions a l'Histoire orale**. Paris: Cahiers de L'Institut d'Histoire du temps présent, 1987.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad/Racionalidad. **Perú Indígena**, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.
- ROMERO, Juan Pablo Aranguren. El investigador ante lo indecible y lo inenarrable (una ética de la escucha). **Nómadas**, n. 29, p. 20-33, oct. 2008.
- SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.
- SAYAGO, Dori; BURSZTYN, Marcel. A tradição da ciência e a ciência da tradição: relações entre valor, conhecimento e ambiente. In: GARAY, Irene; BECKER, Bertha K. **Dimensões humanas da biodiversidade**: o desafio de novas relações sociedade-natureza no século XXI. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006, p. 89-110.
- SILVA, Joseli Maria; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista; NABOZNY, Almir; ORNAT, Marcio Jose; ROSSI, Rodrigo. Algumas reflexões sobre a lógica eurocêntrica da ciência geográfica e sua subversão com a emergência de saberes não hegemônicos. **Geo UERJ**, v.2, n.19, p. 1-16, 2009.
- SOLÓN, Pablo. **Alternativas Sistêmicas**: Bem Viver, decrescimento, ecofeminismo, direitos da Mãe terra e desglobalização. São Paulo: editora Elefante, 2019.

SOUSA-SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

SOUSA-SANTOS, Boaventura de. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 237-280, out. 2002.

WALLESTEIN, Immanuel. **Conocer el mundo, saber el mundo**: el fin de lo aprendido. Una ciencia social para el siglo XXI. Buenos Aires: Siglo XXI, 2002.